

Marina de Mello e Souza. *Parati. A cidade e as festas.* **Rio de Janeiro, UFRJ, 1994, 261 p.**

Lilia K. Moritz Schwarcz
Depto. de Antropologia – USP

O que se diz por aí é que “no Brasil tudo acaba em festa”. Crises políticas e econômicas, mortes e desastres, esportes e vitórias; enfim, qualquer momento parece bom para uma nova comemoração. No entanto, uma coisa é afirmar o fato e constatar a sua vigência. Outra, totalmente diferente, é problematizar a sua existência, pensar nos seus contornos culturais e sociais. Com efeito, ora caracterizadas como momentos de alienação coletiva, ora como espaços de manifestação do mais ingênuo folclore, as diferentes festas populares têm sido objeto de desprezo ou de mera curiosidade. No entanto, talvez seja o momento de refletir sobre a permanência dessas festas e sobre uma certa singularidade nacional, aliada a essa “mania de tudo comemorar”. De certa maneira é esse o universo teórico do trabalho de Marina de Mello e Souza sobre Parati, que, na melhor tradição antropológica, escolhe o particular para chegar ao geral. Partindo de uma perspectiva interdisciplinar e trabalhando com um material eclético — entre documentos, entrevistas e observação participante —, Marina percorreu um século da história da pequena Parati, que, apesar de se assemelhar a um idílico paraíso esquecido pelo tempo, revelou-se uma cidade dinâmica em sua capacidade de adaptação às vicissitudes históricas.

Parati foi sobretudo uma cidade colonial, transformando-se em pólo irradiador durante o período da mineração, quando assumiu um papel importante no controle de circulação do ouro. Foi só com a aguardente e, no século XIX, com o apogeu do café, que o vilarejo alcançou maior prosperidade. Localizada de forma equidistante entre São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, Parati esteve integrada aos diferentes sistemas de exploração econômica, apesar de sempre ocupar uma posição subordinada e de menor projeção. No entanto, foi justamente o seu relativo iso-

lamento que mais contribuiu para o desenvolvimento de tradições e de rituais enraizados.

Com efeito, partindo do relato dos moradores de Parati, a autora descobriu “uma cidade das festas”, onde o “festar”, muito mais do que uma exibição turística, apresenta-se como uma atividade que constantemente recobre, retoma e cria uma identidade local. É por meio das festas que passado e presente encontram-se entrelaçados, visíveis na permanência das tradições, assim como nas mudanças a ela incorporadas.

Momento de encontro entre a memória coletiva e a individual, entre o sagrado e o profano, as festas guardam uma seqüência ritual — entre novenas, missas, procissões e folguedos —, que se mantém basicamente inalterada, apesar das adaptações a que se vêm sujeitas. Trabalhando com a realidade polifônica das festas populares de Parati, a autora revela como, apesar de seu caráter cíclico e regular, esses eventos acabam representando momentos de ruptura: a comunidade renova seus laços com o sagrado, mas também reforça seus laços sociais; exalta sua fé religiosa, mas encontra espaço para o lazer e para o divertimento. Espaço para a realização do ritual religioso e para o ritual da fofoca, o final de uma grande festa — como a da Semana santa, a do Divino, a da Padroeira ou a de são Benedito — significa, também, o início de outro processo e a organização de um novo evento.

Muito se poderia dizer sobre as várias festas que homenageiam santos e louvam a Deus, ou mesmo sobre o papel das irmandades. Mais importante é, no entanto, destacar questões presentes neste estudo particular, mas que levam a repensar as festas cívicas nacionais. Na verdade, o problema central é como lidar com as tradições sem cristalizá-las e transformá-las em folclore; ou então como introduzir as mudanças sem desconhecer velhos costumes históricos. Entre a permanência e a mudança, o melhor seria ficar com os dois. É nesse sentido que as festas enquanto rituais coletivos ocupam um local destacado no imaginário popular. Acionam o particular e o coletivo, a memória individual e o contexto, em um jogo de poucos perdedores. O grande mérito desse livro é, portanto, mostrar, por meio de um estudo metódico, como lutar por uma “tradição pura” é um falso problema, assim como advo-

gar em favor de mudanças racionais que se imporiam sobre as “mentalidades atrasadas” de nossos festeiros nacionais.

Parati ilumina um tema, e um grande mal-entendido: o de supor que a entrada na modernidade significa a supressão dos rituais e léxicos particulares. É só levando a sério essa nossa mania de “festar” que se pode entender uma certa história cultural particular, que se escreve com muitas mudanças e inúmeras permanências.